

Mortificações corporais e catolicismo em Portugal, séculos XVI e XVII

RANGEL, Leonardo Coutinho de Carvalho. *A Arte da Salvação: Ascetismo no Portugal da Reforma Católica (1564-1700)*. 1º Ed. 148p. Salvador: Sagga, 2021.

Igor Santiago¹

Publicado em 2021 pela Editora Sagga, *A Arte da Salvação: Ascetismo no Portugal da Reforma Católica (1564-1700)*, de autoria do historiador Leonardo Coutinho de Carvalho Rangel, lança luz em um aspecto do catolicismo pós-tridentino que marcou profundamente as vivências espirituais de seus fiéis. Fruto de sua dissertação de mestrado, defendida em 2012 no Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia, o estudo demonstra um esforço do autor em compreender as práticas austeras em que os católicos estiveram metidos no período moderno. Passados nove anos de feitura do trabalho, ainda podemos perceber a relevância do estudo para as pesquisadoras e pesquisadores que se interessam pelo universo católico moderno e pelos mecanismos de controle sociocultural que a Igreja mobilizou à época.

Com algumas alterações no corpo do texto e novas sugestões de debates que o autor pontuou na ocasião da defesa de sua dissertação, a obra de Rangel traz agora algumas reflexões que estudiosos e estudiosas da espiritualidade católica desenvolveram ao longo dos últimos anos. Traços de sua própria trajetória após o mestrado foram incorporados na realização do trabalho recentemente publicado, como os desdobramentos de suas pesquisas de doutorado sobre o fenômeno de fingimento da santidade feminina no Portugal seiscentista. Vale salientar que, embora existam algumas interferências nas análises empreendidas no livro, ele continua carregando seu formato e argumentos originais.

¹santiagoigorct@gmail.com. Data de submissão: 26 set. 2022

Repartido em quatro capítulos, além da introdução, considerações finais, lista de fontes e bibliografia, a obra de Rangel conta com prefácio de Lígia Bellini e apresentação de Pedro Villas-Boas Tavares, referências incontornáveis nas pesquisas sobre a espiritualidade católica portuguesa entre os séculos XV e XVIII. O foco principal do estudo recai justamente na concepção de salvação através das boas obras entre os católicos, na qual o autor identifica entre práticas ascéticas o motor e, de certa forma, a maneira pela qual os fiéis buscaram contribuir com isso. Leonardo Rangel, dessa forma, realiza um debate sobre as concepções teológicas entre católicos e protestantes, para demonstrar como entre os primeiros o apelo por movimentos austeros de vivência espiritual foi mais comum e, para o segundo grupo, devido à ideia de justificação através da graça, não foram percebidas tais práticas. Para isso, recorre aos documentos normativos de ambas vertentes cristãs, sobretudo os produzidos por Martinho Lutero (1483-1546), João Calvino (1509-1564) e os Decretos do Concílio de Trento (1545-1563), apontando as diferenças e conflitualidades que existiram no período das reformas protestante e católica e como esse conturbado momento contribuiu nas concepções de fé e nas experimentações que os adeptos a ambas doutrinas responderam em suas vivências cotidianas tais disputas, tema central de discussão no primeiro capítulo da obra.

Além de fazer uma incursão pelos embates e debates das reformas europeias do século XVI, visando assentar o solo de sua investigação sobre o ascetismo no período, o autor utiliza um corpus documental substancial na realização de suas análises sobre a predominância dessas práticas no meio português. Os três primeiros tomos do *Agiologio Lusitano* (1652, 1657 e 1666), de autoria do padre lisboeta Jorge Cardoso (1606-1669), foram o ponto inicial da pesquisa empreendida por Rangel, por permitirem traçar, segundo o mesmo, “um quadro geral do ascetismo em Portugal” e “mensurar os tipos de penitência mais empregados pelos ascetas, bem como relacionar as diferenças entre homens e mulheres quanto a essas práticas” (p. 15). Essa tarefa, realizada no segundo capítulo do livro, não se absteve apenas a um levantamento quantitativo dos casos tratados por Cardoso em seu *Agiologio*, mas na análise dessas biografias e das práticas mais austeras que nelas pululavam. O autor procurou, assim, demonstrar quais práticas eram mais recorrentes nesses relatos e qual o seu peso na contribuição do fiel com sua salvação, levando em consideração aspectos de natureza psicológica dentro desses atos. Sua hipótese gira em torno não apenas do caráter espiritual e teológico, como já pontuamos, mas

também na influência da “cultura cavaleiresca, ainda latente no espírito ibérico devido à memória fresca das lutas de Reconquista” (p.15).

Se o monumental *Agiologio* serviu enquanto documentação balizadora no entendimento das práticas ascéticas mais austeras e costumeiras entre os lusitanos do período, foi através de duas *vitæ*, uma masculina e outra feminina, que o autor procurou compreender as possíveis diferenças dessas práticas entre homens e mulheres da época, tornando-se, assim, matéria dos terceiro e quarto capítulos. Essas biografias devotas de religiosas e religiosos, que tiveram suas vidas consideradas como santas à época, são fontes de suma importância no entendimento e na identificação de perfis ideais que alguns setores da Igreja Católica, preocupados com a manutenção da disciplina, encontraram de incutir na mente e nas vivências de seus fiéis quais seriam os supostos verdadeiros caminhos na busca pela salvação divina. Além disso, esses livros demonstram as interferências e os jogos de poder que existiram em sua constituição, como a contribuição em algum processo de beatificação ou a atribuição de prestígio familiar.

A *Historia da vida admirável, & das acções prodigiosas da veneravel Madre Soror Brizida de Santo Antonio* (1576-1655), de autoria do Fr. Agostinho de Santa Maria (1642-1728) e publicada em 1701, foi a *vita* utilizada pelo autor para analisar os caminhos empreendidos por mulheres do período na efetivação de suas vontades e na constituição de suas famas enquanto santas, devido, sobretudo, a suas práticas austeras. Tratando dos embates familiares que essa nobre moça enfrentou para fazer valer o seu desejo de seguir o “caminho da perfeição” e tornar-se uma “esposa de Cristo”, Rangel chama atenção para como a vida claustral, no caso feminino, poderia ser uma via útil na obtenção de liberdade e prestígio nessas sociedades que destinavam as mulheres ao âmbito familiar e, quando não cumpriam essas funções, eram representadas enquanto pecaminosas e perigosas para a ordem social. Mulheres ávidas em acessar certas posições de prestígio ou terem contato com um nível elevado de instrução enxergavam nesses espaços alguns mecanismos de autonomia. Se, segundo o autor, “era dentro dos muros do convento que algumas mulheres poderiam ser livres” (p. 106), foram esses mesmos espaços que lhes possibilitaram condições de seguirem caminhos austeros da espiritualidade católica.

Através da *Vida e morte do Fr. Estevão da Purificação* (1571-1617), obra escrita por Fr. Luís da Apresentação (ca.1581-1653) e publicada no ano de 1621, Rangel trata, no quarto capítulo do seu livro, sobre a constituição da fama de santidade desse carmelita calcada na vida austera e nas práticas ascéticas extremadas, costumes que o fizeram ser conhecido como “santo do Carmo” e “santo de Lisboa”. Ao identificar os *topoi* mais recorrentes nessas narrativas hagiográficas, como a infância virtuosa, a castidade e as vivências exacerbadas da espiritualidade católica, o autor chamou a atenção para como, embora fossem comuns em diversos escritos do gênero, no caso de Estevão da Purificação, os “comportamentos extremos [...] eram, portanto, compreensíveis, pois o objetivo era assegurar uma viagem mais segura às moradas celestes” (p. 122). Fr. Estevão teve sua fama alastrada por Lisboa, angariando devotos e tornando-se conhecido pela obtenção de milagres para estes, muito impulsionado pelo ascetismo que transpirava. Casos como interseções curativas do religioso, e até mesmo de curas milagrosas através da ingestão de secreções dos doentes que iam à sua procura, figuraram enquanto creditadores de sua santidade. Afora os jejuns, o uso de cilícios e a aspereza que levava em sua vida cotidiana, as práticas de mortificação corporal desse carmelita foram das mais singulares, levando o autor de sua biografia a indicá-los aos seus devotos e leitores, afirmando que “as pessoas que não tem os tais exercícios quando se salvam é ao acaso, porém os que os usam salvam-se por arte”.²

Por meio da leitura cruzada de uma documentação católica e protestante, Leonardo Rangel procurou localizar as diferenças confessionais em matéria de vivência espiritual dessas vertentes. Seu argumento de que as práticas ascéticas foram comuns entre os católicos e não no meio protestante devido às visões divergentes que ambos possuíam em relação à salvação divina, serviu no entendimento das variadas formas de mortificação corporal percebidas na documentação acessada. Para tanto, munuiu-se de escritos teológicos das duas vertentes, demonstrando suas perspectivas em relação ao caminho ideal que deveria ser perseguido na obtenção da vida eterna. Mas não só. Foi justamente através da análise serial do principal exemplo de uma das mais afamadas hagiografias portuguesa do período moderno que o autor encontrou solo fértil e robusto para a compreensão quantitativa e psicológica do fenômeno, atentando para os tipos de práticas e suas intensidades em terras lusitanas. Recorreu, ainda, a

² APRESENTAÇÃO, 1621, p. 79. *Apud* RANGEL, 2021, p. 122.

duas biografias devotas específicas na busca do entendimento mais profícuo de como esses comportamentos religiosos poderiam conferir fama de santidade aos seus praticantes. Fossem membros da nobreza ou oriundos de conjuntos familiares menos abastados, os homens e as mulheres que decidiram seguir a via ascética cristã encontraram, além de uma comunhão mais próxima com Cristo, meios de assegurarem prestígio e reconhecimento, conscientemente ou não.

Ao reconhecer nesses escritos de vida uma aproximação com a cultura cavaleiresca ainda presente na península ibérica, o autor chamou atenção para como, nalguns casos, o heroísmo ascético se aproximou da memória presente sobre Reconquista, como na narração da vida de Fr. Antônio de Cristo (†1575), feita por Jorge Cardoso no seu *Agiologio*, onde afirma-se que o frade, através de sua áspera vida, “se armava de cavaleiro para conquistar o céu”.³ Além disso, quando analisou as vivências de Madre Brígida de Santo António e seu ingresso na vida claustral, trouxe à tona a questão da possibilidade de liberdade feminina nesses espaços, como já vinha pontuando Lígia Bellini em seus estudos sobre a vivência monacal de religiosas portuguesas nos séculos XVI-XVIII, atenta, sobretudo, ao fenômeno do letramento nesses espaços.⁴ Para o caso tratado por Rangel, foi através das práticas ascéticas exacerbadas que essa religiosa conseguiu angariar fama de santa e, até mesmo, o cargo de abadessa, despertando murmurinhos de freiras descontentes com sua ascensão e prestígio entre algumas casas nobiliárquicas, que viam na religiosa um exemplo de perfeição cristã, mas também estavam atentas aos seus interesses próprios nas relações com a casa conventual.

Rangel demonstrou como as diferenças soteriológicas entre católicos e protestantes influenciaram os primeiros a constituírem vivências espirituais repletas de práticas ascéticas extremadas, visando a colaboração com sua salvação. Além de contribuir com a historiografia referente a espiritualidade católica moderna, a obra fomenta caminhos de investigação que contribuam na complexificação do fenômeno de santidade no período. O próprio autor, em sua tese de doutoramento intitulada *Esposas de Cristo: Santidade e Fingimento no Portugal Seiscentista*, defendida em 2018 no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, já repisou algumas sugestões que elencou à época de sua dissertação, agora transformada em livro.

³ CARDOSO, 1666, p. 472. *Apud* RANGEL, 2021, p. 54.

⁴ *Vide* BELLINI, Lígia. “Vida monástica e práticas de escrita entre mulheres em Portugal no Antigo Regime”. **Campus Social**, v. 3-4, 2007, p. 209-218.

São dignas de nota a atualidade e originalidade que a obra apresenta. Em 2017, Paula Mendes publicou o livro *Paradigmas de Papel*⁵, em que realiza um levantamento e a análise de obras, como as tratadas por Rangel, em Portugal nos séculos XVI-XVIII. Mendes identifica nesse grupo de textos alguns dos pontos suscitados na obra aqui resenhada, a exemplo dos lugares comuns nessas narrativas. Para a autora, a Reforma Católica não se deteve apenas na implementação das diretrizes do Concílio de Trento nos reinos da Europa católica, tendo seus ecos também “através de uma vasta produção de literatura religiosa e de espiritualidade [...] destinada ao disciplinamento e modelização dos comportamentos e das práticas devocionais dos fiéis” (MENDES, 2017, p. 429). Leonardo Rangel demonstrou também o peso dessa literatura na conformação de vivências espirituais calcadas no ascetismo, combatendo, por um lado, a teologia protestante, mas também ensinando aos católicos a arte de se salvar.

A relevância da obra diz respeito não somente ao rigor da investigação, mas aos caminhos que ela continua abrindo. Para os estudiosos da área, a obra de Leonardo Rangel traz reflexões cruciais no entendimento daqueles indivíduos que viram na ascese uma via salvífica e meritória. Suas reflexões colocam em questão quais os mecanismos que a Igreja Católica utilizou na efetivação de suas prerrogativas e na tentativa de normatização de condutas e corpos. Fazem emergir, ainda, as concepções de mundo no período e algumas articulações que extrapolavam o caráter espiritual no meio católico. Com uma prosa leve, trabalho empírico sólido e reflexões embasadas, a *Arte da Salvação* torna-se uma leitura indispensável àqueles que se interessam, em suas investigações, pela temática. O leitor leigo ou curioso encontrará um arsenal de exemplos do passado de pessoas que enxergavam no ascetismo o caminho da salvação, questionando-se, talvez, sobre o perdurar dessas práticas.

Referências

BELLINI, Lígia. “Vida monástica e práticas de escrita entre mulheres no Portugal do Antigo Regime”. **Campus Social**, v. 3-4, 2007, p. 209-218.

MENDES, Paula Almeida. **Paradigmas de papel: a escrita e a edição de ‘vidas’ de santos e de ‘vidas’ devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)**. Porto: CITCEM, 2017.

⁵ MENDES, Paula Almeida. **Paradigmas de papel: a escrita e a edição de ‘vidas’ de santos e de ‘vidas’ devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)**. Porto: CITCEM, 2017.

